

## CONTINUIDADE TEMÁTICA E REFERENCIAL EM TEXTOS CONVERSACIONAIS<sup>1</sup>

Paulo de Tarso GALEMBECK<sup>2</sup>

- RESUMO: Em textos conversacionais, o turno de fala é o espaço preferencial da manutenção da referência: os elementos anafóricos e os respectivos antecedentes figuram geralmente no mesmo turno. Por isso, a progressão temática, nessa modalidade de textos, ocorre em termos bastante genéricos; cada falante retoma o assunto da conversação, mas a ele acrescenta o próprio ponto de vista. Também se discute o fato de que as contribuições de cada falante não são aleatórias, mas seguem o princípio de cooperação de Grice e o conhecimento prévio partilhado pelos participantes do ato conversacional.
- UNITERMOS: Texto conversacional; turno de fala; progressão temática; cooperação; conhecimento prévio partilhado.

### 1. Preliminares

Este texto deriva, parcialmente, da tese *Um estudo dos elementos anafóricos em textos conversacionais*, por este autor apresentada à FFLCH-USP, em 1990 (Galembeck, 1990). Nessa tese, foi discutida a presença de termos anafóricos (lexicais ou gramaticais), em um *corpus* de língua falada, constituído pelos inquéritos nº 062, 333, 343, 360, pertencentes ao arquivo do Projeto NURC/SP e publicados em Castilho e Preti. (1987)

No citado trabalho, foi enfatizado o papel dos termos anafóricos como 'representantes' de um referente anteriormente citado ('antecedente'), membros, pois, de uma relação binária. Dessa forma, os termos anafóricos foram estudados como membros da citada relação a partir de três variáveis:

– natureza semântica do antecedente (SN animado; SN inanimado; 'temático');<sup>3</sup>

---

1. A versão original deste texto foi apresentada, sob a forma de comunicação oral, no II Encontro Internacional de Filosofia da Linguagem, realizado na UNICAMP, entre 5 e 8 de agosto de 1991.

2. Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

3. Antecedente temático ou contextual é aquele que não está manifesto, mas é depreendido a partir do próprio contexto. Por exemplo:

- posição do anafórico e do antecedente na articulação tema-rema (anafórico temático e remático; antecedente temático e remático);
- situação do elemento anafórico em face do antecedente (mesmo turno ou outro turno).

Neste texto, o ponto de partida serão os dados obtidos pela análise da terceira variável. Veja-se, a esse respeito, o quadro a seguir, no qual são expostos os dados referentes à situação do anafórico em face do antecedente, por meio da seguinte subcategorização: mesmo turno (MT); outro turno do mesmo informante (OT/MI); outro turno de outro informante (OT/OI):

Quadro I

	MT %	OT/MI %	OT/OI %
anafórico lexical	59	08	33
anafórico gramatical	61	17	22

O quadro acima indica que os anafóricos lexicais ou gramaticais representam, preferencialmente, um termo já mencionado pelo mesmo interlocutor e que, na maioria dos casos, o anafórico e o respectivo antecedente estão situados no mesmo turno. É o que se verifica nos exemplos a seguir:

(Ex. 01) L1: dizem né? – você vê – dentro da profissão do vendedor... a coisa mais difícil é você manter realmente *o indivíduo*... éh Oito horas em contato direto com os clientes... uma coisa::... realmente difícil... então a gente inclusive:: pede para que *o indivíduo* não perca tempo nesses horários, certo?... e procure almoçar... no seu território de trabalho... por ali mesmo em vez de ter que se deslocar de um território para a sua ca:: sa...  
(Inq. 062, 1. 231-9)

(*o indivíduo*: o vendedor; *seu, sua*: do vendedor)

(Ex. 02) L2: me preocupo com o humano... se embananando *ele* sozinho com as coisas que *ele* cria... sabe? porque você tinha civilizações antigas... mas... o que *ela* criava o que *ela* produzia... era muito menos... do que uma... de hoje em dia cria certo?  
(Inq. 343, 1. 034-8)

(*ele*: o humano; *ela*: as civilizações antigas)

Os anafóricos em destaque (*o indivíduo, seu, sua, ele, ela*) remetem a antecedentes situados no mesmo turno conversacional e são, pois, representantes da

---

L1: (é o que eu penso) hoje em dia você... você... você pega... vai num reservatório da SABESP... você consegue entrar lá e botar veneno na agulhinha ali...

L2: um veneno ali um pouquinho mais (forte)

L1: de efeito retardado né?...

só só mata depois de um mês... se os caras não tiverem um indicador ali morre o quê::?... a população:: filha  
(Inq. 343, 1. 1.607-14)

O anafórico lexical *os caras* tem por antecedente um termo implícito (os funcionários da SABESP).

tendência geral já assinalada.<sup>4</sup> Ora, os termos anafóricos são os responsáveis pela manutenção ou continuidade do assunto (referência) e o fato de eles possuírem, geralmente, um antecedente que se situa no mesmo turno conversacional faz com que o próprio turno deva ser considerado uma 'ilha' referencial e represente o espaço preferencial para a manutenção da referência. Já os demais níveis de referência – turnos do mesmo ou do outro interlocutor – ocupam um papel meramente subsidiário em relação à tendência genérica dos anafóricos lexicais ou gramaticais.

A 'insularidade' do turno (sob o ponto de vista referencial) conduz a indagações acerca dos processos de continuidade temático-referencial em textos conversacionais. Com efeito, cada interlocutor institui o próprio turno como unidade básica de referência e, assim, a referência interna a cada turno ocupa um papel central na construção do diálogo. Desse modo, cabe perguntar como ocorre a continuidade temática e referencial nos textos conversacionais. A resposta a essa questão está contida na seqüência deste trabalho.

## 2. Continuidade temática e referencial em diálogos

### 2.1 Conceito de tópico

Para que se possa compreender como se processa a continuidade temática e referencial em diálogos, vai ser focalizado o exemplo a seguir:

- (Ex. 03) L1: não inclusive eu estava respondendo para você:: colega... o o o:: fato de eu ter escolhido a profissão do do...
- L2: economista...
- L1: economista né?... então realmente:: quando::... eu fiz o ginásio estava fazendo o ginásio... em algumas ocasiões pensei em ser... éh arquiteto depois eu uma ocasião... ((risos)) fiz a inscrição para o para o no Objetivo... depois eu resolvi ser médico... mas nesse meio tempo eu já estava trabalhando e procurei realmente... uma uma profissão... que se::
- L2: enquadrasse
- L1: coadunasse mais (com) aquele tipo de serviço... enfim também foi em função do tempo... porque:: não havia uma possibilidade de perder mais alguns... alguns anos enfrentando um vestibular para uma escola de Medicina ou uma escola de Engenharia... mas atendeu plenamente e:: hoje estou satisfeito com o curso... ele realmente pôde me dar assim... uma visão... do global... e:: está atendendo não sei aconteceu isso no no seu caso também ou não?
- L2: não o:: eu eu senti um choque quando eu adentrei a faculdade entende? porque:: você sempre ouviu dizer... que seria um negócio diferente isso aquilo... eu as aulas que eu tive dentro duma... faculdade foi normalmente como eu tive no científico e no ginásio... era:: mais um:: professor ali na frente... explanando... você levantando questões... simplesmente

---

4. A expressão *nesses horários* (= nos horários de almoço) tem valor anafórico, e seu antecedente situa-se em outro turno.

te... dificilmente maior participação do aluno... agora... parece que está havendo mais... conjunto havendo mais digamos assim... o aluno está... trabalhando mais... o professor distribui os temas você que pesquisa né? não sei se é porque eu fiz o curso à noite... era dessa maneira entende?... mas... para mim o:: que eu faço atingiu lógico está... me deu visão ampla eu... hoje eu... leio um jornal eu sei o que eu estou lendo... pelo menos os... acho que... bagagem eles me deram... certo?

(Inq. 062, 1. 379-417)

Verifica-se neste fragmento que o informante L1 trata de problemas concernentes à escolha da profissão e do curso superior. L2 é explicitamente solicitado a manifestar-se acerca desse assunto (“aconteceu isso no seu caso também ou não?”), mas procura tratar de outro tema, qual seja, os procedimentos didáticos vigentes nos cursos superiores. Não há, portanto, continuidade de referência, a não ser aquela que se situa nos limites de cada turno, pois cada interlocutor procura modular o assunto de acordo com o próprio ponto de vista. A esse respeito, o diálogo pode ser comparado a um mercado de trocas: cada interlocutor valoriza a sua ‘mercadoria’ e procura obter o espaço para expô-la ao seu interlocutor. A ‘mercadoria’ do parceiro conversacional, por sua vez, nem sempre é levada na devida conta.

Cabe introduzir, neste ponto, o conceito de tópico: “aquilo de que se está falando” (Brown e Yule, 1983, p. 73). O tópico é genérico e abrangente, é o “grande assunto” tratado pelos interlocutores e se particulariza em subtópicos. No exemplo 3, o tópico do fragmento conversacional é a educação, mas cada interlocutor desenvolve, em seu turno, um subtópico diverso (L1: a escolha da profissão; L2: os procedimentos didáticos em cursos superiores).

A seqüência dos subtópicos, conquanto não-planejada, não é absolutamente aleatória, já que as intervenções de cada interlocutor devem ter pertinência em relação ao tópico da conversação. Essa pertinência corresponde ao princípio da cooperação, assim formulado por Grice (1982, p. 82): “(...) faça sua contribuição tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio em que você está engajado”.

O citado “princípio de cooperação” estabelece que, para haver prosseguimento do intercâmbio, as contribuições devem ser relevantes ou pertinentes em relação ao tópico em andamento, ou seja, deve haver uma relação necessária entre o(s) subtópico(s) que cada interlocutor desenvolve e o “tópico genérico” de um dado fragmento conversacional.

Outra forma de definir a pertinência das contribuições dos participantes do ato conversacional é a correspondência necessária entre o subtópico desenvolvido e o conhecimento mútuo por eles partilhado (*background knowledge*), conceito discutido por Gibbs (1987, p. 562 ss.). A conversação pode prosseguir com o acréscimo de novas informações (correspondentes a novos subtópicos), porque os interlocutores partilham das mesmas informações básicas acerca do assunto tratado.

Pelo que foi dito, verifica-se que são dois os requisitos para definir-se a pertinência das contribuições de cada interlocutor: a correspondência com o tópico em andamento e a relação com o conhecimento mútuo partilhado. No exemplo 3,

verifica-se que ambos os subtópicos satisfazem a essa dupla condição: ambos se relacionam com o tópico em andamento e, também, dizem respeito à vivência imediata dos interlocutores (que são colegas de faculdade) e do universo comum por eles partilhado. Essa dupla condição faz com que a mudança de tópico seja sentida não como uma ruptura, mas como uma incorporação ou contribuição ao tema em andamento. A esse respeito, cabe citar a observação de Schutz (apud Dascal & Katriel, 1979, p. 81), para quem a atividade aparente em andamento não é mais que a ponta de um 'iceberg' e há uma complexa série de relações entre vários níveis no campo da consciência ou atenção dos participantes do ato conversacional. Isso significa que os interlocutores sempre procuram contribuir de forma a satisfazer as duas condições estabelecidas, mas que, igualmente, a forma e o conteúdo dessa contribuição não podem ser pré-estabelecidos.

Além do mais, os dois requisitos assinalados indicam ser o tópico uma atividade construída cooperativamente pelos participantes do diálogo. A esse respeito, afirma Marcuschi (s.d., p. 1 ss.) que a cooperação "diz respeito à correspondência (pelo menos parcial) de objetivos entre os interactantes e aponta para a natureza das relações entre os atos praticados. Envolve categorias do nível pragmático e serve para comandar os aspectos mais decisivos da coerência discursiva e da compreensão".

A necessidade de efetuar contribuições relevantes em relação ao tema genérico e ao conhecimento partilhado decorre da própria dinâmica do texto conversacional: os interlocutores sentem-se engajados em uma tarefa comum, da qual procuram desincumbir-se a contento. Como forma de assinalar o envolvimento nessa tarefa comum, os interlocutores procuram assinalar a mudança de subtópico por meio de 'colchetes' lingüísticos, conforme se pode verificar pelo exemplo a seguir:

(Ex. 04) L1: então o desen/ o desenvolvimento é bom porque ele dá chance de emprego para mais gente...

L2: *mas você está pegando uma coisin::nha assim sabe?* um cara que esteja desempregado também eu posso usar o mesmo exemplo num num sentido contrário... o cara que está desempregado porque não consegue se empregar né? (...)

(Inq. 343, 1. 555-61)

Neste fragmento, L1 associa o desenvolvimento à criação de um número maior de empregos, ao passo que L2 afirma que há desempregados devido à falta de empregos. Para assinalar a mudança de enfoque, L2 utiliza a expressão "mas você está pegando uma coisin::nha assim sabe?".

Nos exemplos anteriores também podem ser apontadas ocorrências de 'colchetes' lingüísticos, cuja função é assinalar a mudança de subtópico. Veja-se:

Ex. 01-L1: *dizem né?*

Ex. 03-L2: *não o::*

## 2.2 A dinâmica da continuidade tópica

Após o estabelecimento do conceito de tópico e subtópico e a fixação das condições necessárias para a continuidade temática na conversação, cabe discutir como progride o fluxo informacional em diálogos. Esse assunto, aliás, já foi brevemente tratado no item anterior, e agora cabe aprofundá-lo.

Vuchnich (1977, p. 237), ao tratar da manutenção da referência em textos conversacionais, define quatro efeitos de referência que podem ser produzidos na passagem do turno:

a) *Foco*: ocorre o abandono total da referência anterior e verifica-se a mudança de foco, por intermédio de um turno não-coesivo.

b) *Morte (die)*: a um turno não-coesivo (caso (a) – *Foco*) segue-se um novo turno não-coesivo, o qual determina a mudança de foco.

c) *Viagem (ride)*: o tópico anterior abandonado (novamente caso (a) – *Foco*) é retomado após um turno não-coesivo (ou seja, o tópico 'viaja' por sobre o turno não-coesivo).

d) *Contribuição*: incorporação da referência tópica prévia.

Os três primeiros procedimentos citados dizem respeito à quebra na seqüência tópica, ao passo que o quarto relaciona-se com a continuidade, ainda que parcial. No caso específico dos inquéritos que constituem o *corpus* deste trabalho, a sugestão dos assuntos para a conversação e a presença do documentador contribuem para reduzir a espontaneidade dos interlocutores e, dessa forma, a possibilidade de ruptura tópica resulta difícil. Nesse caso, a possibilidade de ocorrência das hipóteses (a), (b) e (c), na seqüência dos turnos, fica comprometida e prevalece, em geral, a modalidade (d): cada interlocutor procura, de alguma forma, contribuir para a continuidade do tema. Essa continuidade, porém, deve ser encarada de forma relativa, pois cada interlocutor busca não só continuar o tópico, mas igualmente acrescentar a ele seu enfoque pessoal. Veja-se o exemplo a seguir:

(Ex. 05) L2: não não é isso não me interessa aí nesse ponto a economia popular não interessa tanto...  
o que me revolta profundamente é o programa *cinderela*

L1: ah bom ( )

|

L2: aquele aquele programa aquilo é abaixo da crítica... ((superposição de vozes incompreensíveis)) eu não posso compreender como é que as autoridades... como é que o Ministério da Educação não não interveio não interveio ainda

L1: não ( )

L2: porque aquilo é uma coisa que não tem não tem:: não tem classificação...

L1: não aquilo é premiar a desgraça e é uma coisa há pouco tempo...

|

L2: é uma coisa horrível é a exposição da desgraça

L1: Há pouco tempo ainda eu escrevi:: isso que a::: que todos os vitoriosos são alegres... têm aquele sorriso de vitória a *miss*... que ganhou o lugar de *miss*... tem a junto com a faixa tem aquele sorriso de dentes lindos não é?... é o sorriso da vitória... a estrela que ganha um um troféu tem o sorriso da vitória... as únicas vitoriosas tristes que eu conheço que CHOram...

são as cinderelas do Sílvio do Sílvio Santos... porque quando elas põem **aquele manto** coitadas elas SABem que elas foram escolhidas porque são as mais pobres né? **as MAIS** miseráveis né?

L2: mais miseráveis... além do mais...

|  
as que

L1: têm mais pobreza...

(Inq. 360, 1. 115-1143)

No exemplo acima, L2 critica o nível do programa 'Cinderela', referente representado pelos anafóricos *aquele programa* e *aquilo*. Já o interlocutor L1 não trata do programa em si, mas do choro das participantes vitoriosas. Essa mudança de enfoque (introdução de um novo subtópico) relaciona-se diretamente com o dinamismo do diálogo, com a tensão que nele se estabelece.

Em vista do exposto, cabe perguntar como ocorre a conexão entre os turnos de falantes diferentes. A resposta a essa indagação é dada por Criado de Val (1980, cap. 3), que fala em tensão dialógica. Essa tensão, necessária para o início do diálogo e, posteriormente, para a sua manutenção, constitui um laço permanente entre os interlocutores e se situa além da simples elocução. O citado autor fala em três formas de tensão dialógica, diversas entre si em intensidade e qualidade:

– *informativa*: atua com um mínimo de intensidade, corresponde a interrogações, pedidos, saudações;

– *afetiva*: corresponde às causas emocionais que constituem nota constante e dominante no diálogo;

– *dialética*: atua sobre os componentes lógicos do diálogo; busca maior precisão de significado e traz o conteúdo ideológico das informações que cada interlocutor veicula.

Nos inquéritos que constituem o *corpus* deste estudo, verifica-se, na passagem do turno, uma larga predominância da tensão dialética. Com efeito, cada interlocutor não se limita a retomar o assunto em questão, mas busca interpretá-lo sob um ângulo diverso ou a ele acrescenta algo que o torne mais preciso ou concreto. A seqüência temática deve ser considerada em termos bastante amplos e genéricos, pois cada interlocutor não só retoma o assunto tratado, mas a ele acrescenta o seu enfoque pessoal.

No exemplo 5, a intervenção de L1 manifesta a tensão dialética, pois interpreta o assunto dentro de um enfoque bastante pessoal, afirmando que o programa 'Cinderela' acaba por premiar a desgraça. Além disso, verifica-se que a referida intervenção cumpre a dupla condição de relevância já discutida no item 2.1; com efeito, ela está relacionada ao tópico em andamento (a qualidade dos programas) e ao conhecimento prévio das interlocutoras, ambas profissionais de televisão.

### 2.3 Continuidade tópica e referencial

O que foi exposto nos itens anteriores evidencia que, em textos conversacionais, a progressão temática não coincide com a identidade de referência, mas está ligada à maneira pela qual o interlocutor define um modelo contextual (Bosch, 1983, p. 65 ss.), ou seja, ao modo como ele cria a representação do assunto tratado.

No diálogo, essa representação do assunto tratado (modelo contextual) tem como traço mais saliente o dinamismo. Com efeito, ela varia de turno para turno, quer dizer, em cada turno cria-se uma representação (parcialmente) diversa. Além disso, o modelo contextual é dinâmico porque a representação só adquire relevância à medida que interage com o contexto precedente e a experiência prévia de cada falante. Essa interação, aliás, torna possível o estabelecimento e a manutenção da tensão dialética e o engajamento dos interlocutores na consecução de uma tarefa comum.

Cabe acrescentar, ainda, que a identidade de referência não constitui um requisito para a continuidade tópica e para a coerência do diálogo. A continuidade referencial é algo meramente linear e superficial, ao passo que a coerência fundamenta-se em relações nem sempre evidentes. O fato de um turno ser coerente com os demais turnos de um dado fragmento conversacional não se confunde com a retomada do mesmo referente, mas diz respeito à relevância do que é exposto para o tópico, que pode estar implícito ou subentendido. (Giora, 1985, p. 705 ss.)

### 3. Conclusões

O ato conversacional é uma atividade realizada conjuntamente pelos participantes que, por isso mesmo, sentem a necessidade de assumir um comportamento cooperativo, visando à consecução do objetivo comum, a interação.

Esse esforço cooperativo reflete-se nos diversos aspectos da organização do texto conversacional. No que diz respeito à continuidade tópica, esse esforço se manifesta de forma nítida na inserção de novos subtópicos, que devem ser pertinentes ao "grande tópico" em andamento e ao universo partilhado pelos interlocutores. A obediência a esse duplo requisito torna o diálogo coerente e fá-lo um todo organizado, não uma simples sucessão de turnos justapostos.

Cabe lembrar que o esforço cooperativo não consiste na retomada de referentes já mencionados pelo outro interlocutor. Ao contrário, na consecução da tarefa comum, os interlocutores sabem que não basta recuperar o "já dito", mas é preciso acrescentar ao dado informações relevantes que façam o fluxo informacional progredir. Também se verifica que o acréscimo de novas informações é acompanhado de opiniões e julgamentos por parte de cada interlocutor.

GALEMBECK, P. T. Thematic and referential continuity in conversational texts. *Alfa*, São Paulo, v. 36, p. 127-137, 1992.

- **ABSTRACT:** *The turn of talk is the preferential space of the maintenance of reference in conversational texts: the anaphoric elements and their respective antecedents are generally enclosed in the same turn of talk. Then, the thematic progression, in this kind of texts, is accomplished in very broad terms; each speaker recovers the subject of conversation, but adds to it his point of view. It is also discussed that the contributions of each speaker are not aleatoric, on the contrary, these contributions may follow Grice's principle of cooperation and the background knowledge shared by the participants of conversation act.*
- **KEYWORDS:** *Conversational text; turn of talk; thematic progression; cooperation; background knowledge.*

## Referências bibliográficas

- BOSCH, P. *Agreement and anaphora: a study of the role of pronouns in syntax and discourse*. London: Academic Press, 1983.
- BROWN, G., YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University, 1983.
- CASTILHO, A. T., PRETI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987. 4 v. v. 2: Diálogos entre dois informantes.
- CRiado DE VAL, M. *Estructura general del coloquio*. Madrid: SGEL, 1980.
- DASCAL, M., KATRIEL, T. Digressions: a study in conversational coherence. *PTL*, v. 12. n. 4, p. 76-95, 1979.
- GALEMBECK, P. T. *Um estudo dos elementos anafóricos em textos conversacionais: Projeto NURC/SP*. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado em Letras, Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- GIBBS JR. Mutual knowledge and the Psychology of conversational inference. *Journal of Pragmatics*, n. 11, p. 561-88, 1987.
- GIORA, R. Notes toward a theory of text coherence. *Poetics Today*, v. 4, n. 6, p. 699-715, 1985.
- GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Campinas: s.c.p., 1982. 4 v. v. 4, parte 5: Pragmática.
- MARCUSCHI, L. A. *Coesão e coerência na conversação: organização tópica*. (Versão preliminar datilografada).
- VUCHNICH, S. Elements of cohesion between turns in ordinary conversation. *Semiótica*, v. 3/4, n. 20, p. 229-57, 1977.